

ATENDIMENTO MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS DE COMPANHIA ATACADOS POR ANIMAIS SILVESTRES, EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO EM CASCAVEL/PR

SCHERER, Laura Beatriz¹
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata²

RESUMO

Num evento de ataque de animal selvagem é importante identificar corretamente o predador responsável e compreender a importância de preservá-lo, para criar um protocolo de abordagem das causas mais comuns de ataque. O local de ocorrência é subdividido em área rural e área urbana, onde o maior número de acometimentos foi na área urbana caracterizado pelo aumento do contato de animais domésticos aos silvestres pela expansão da fronteira agrícola, aumento do número de animais domesticados, aproximação da área urbana devido ao desmatamento onde os silvestres buscam alimento e local para se esconder, trazendo risco a população. Após o atendimento emergencial, faz-se necessário a continuação do acompanhamento do paciente onde há necessidade de um acompanhamento veterinário para acompanhamento e monitoramento de evolução de sinais clínicos através do internamento, ou passaram por uma unidade de terapia intensiva (UTI), onde possuía o acompanhamento 24 horas de um médico-veterinário beira-leito exclusivo para pacientes em um estado mais crítico que precisam desta supervisão e monitoramento intensivo, principalmente em situações que é necessário atuar mediante a intercorrências de forma imediata. É possível visualizar que há eficácia no tratamento sendo 70% casos de sucesso, onde estes recebem alta médica pois apresentam estabilidade de quadro clínico, melhora dos sinais clínicos e estão realizando as atividades fisiológicas normalmente, então, retornam para casa com medicação para finalização de tratamento medicamentoso.

PALAVRAS-CHAVE: Prontuários. Silvestres. Atacados. Cães. Pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

O aumento das áreas urbanas, trouxe inúmeras consequências ao meio ambiente, entre elas, o aparecimento de animais silvestres nesse meio. A invasão do ser humano no habitat natural dessas espécies acaba coagindo esses animais, muitas vezes peçonhentos, a buscar abrigo e alimento em áreas urbanas.

A ampliação da agricultura em áreas próximas às cidades, altera a biodiversidade modificando a harmonia natural do meio ambiente, eliminando predadores naturais, aumentando a população de espécies, entre outros.

A cidade de Cascavel/PR., é uma das grandes produtoras agrícolas do Brasil, e com isso, a interferência no meio ambiente se torna evidente e isso se reflete pelo aumento no número de animais domésticos atacados por animais silvestres.

É nesse sentido que esse estudo buscou analisar o registro de ataque de animais silvestres em animais de companhia que se dá, na maioria das vezes, devido ao instinto predador das espécies. Também analisou as formas de ataques mais frequentes, visando deixar um relato para que futuros profissionais conheçam essa realidade e se preparem para o melhor tratamento da afecção ocorrida.

¹ Estudante de Medicina Veterinária. E-mail: laurabeatrizscherer@hotmail.com

² Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br

Para realizar a pesquisa, foram coletados dados em um hospital veterinário da cidade de Cascavel/PR de pacientes atendidos de janeiro a setembro de 2021, verificando a escolha da equipe no melhor protocolo médico-veterinário para recuperação do paciente, na tentativa de proporcionar uma melhor recuperação sem sequelas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A predação de animais domésticos sempre foi comum em áreas rurais e de regiões próximas a áreas de preservação e causam grande prejuízo a população canina (HACKETT *et al*, 2002). É um processo natural e fundamental de manutenção da biodiversidade, porém, atualmente se tornam mais recorrentes os atendimentos destes animais devido ao número de animais de companhia ter aumentado com o passar dos anos que, segundo o Instituto Pet Brasil (2019) tratam-se sendo 54,2 milhões de cães e 23,9 milhões de gatos. De acordo com Primack e Rodrigues (2001) está interligada a destruição e degradação de habitats com a aproximação de meio urbano e rural, a introdução de espécies exóticas e super exploração das espécies para uso humano em que existe a maior probabilidade de conflitos entre a fauna e o ser humano. Dentre as principais espécies estão as serpentes, escorpiões, abelhas e aranhas as mais envolvidas em acidentes, como representado em estudo clínico-epidemiológico realizado por Barbosa (2014).

O Corpo de Bombeiros do Paraná (2021), caracteriza como animais perigosos para a população deste local os comumente encontrados, as cobras Jararacas (*Bothrops jararaca*), Cascavel (*Crotalus durissus*), Jararacuçu (*Bothrops jararacússu*), Urutu (*Bothrops alternatus*), Coral verdadeira (*Micrurus altirostris*) que apresentam fosseta loreal e atacam através da sua picada inoculando o veneno em sua presa. A gravidade dos casos varia de acordo com a quantidade de veneno inoculado, a dificuldade de identificação do animal peçonhento, bem como a demora do tratamento específico. As aranhas presentes no Paraná são a Marrom (*Loxosceles*) e a Armadeira (*Phoneutria*) onde ambas atacam através da sua picada, e na região há a presença do Escorpião (*Scorpiones*) e da lagarta Taturana (*Lonomia*) que causa acidentes quando a epiderme entra em contato com os espinhos presentes em seu corpo, e o cachorro do mato (*Cerdocyon thous*) ataca através da sua mordida.

Além destes já citados, há animais que comumente causam reação tóxica em cães através da sua picada, sendo elas, relatadas como da ordem *Hymenoptera*, onde as mais comuns são formigas e abelhas que da mesma forma que os animais peçonhentos (LEITE, 2019), apresentam um mecanismo de defesa onde há inoculação de histamina em concentração superior a 1,5% junto a outras substâncias que apresentam efeito neurotóxico e hemolíticos (CASARETT, 2008).

Os sapos de ordem *Anura*, quando predados por um cão ou gato, através da glândula paratóides liberam uma toxina por compressão diretamente na mucosa ou pele do animal, causando uma rápida absorção e consequente intoxicação (LOPES; QUESSADA; BORGES, 2014).

É importante identificar corretamente o predador responsável pelo ataque, compreender a importância de preservá-lo, além de conhecer os fatores que tornam os animais domésticos vulneráveis ao ataque, buscando saber das medidas alternativas que podem ser tomadas para minimizar o problema (MARCHINI; CAVALCANTE; PAULA, 2011). No mesmo sentido, Zinsstag *et al* (2011) dissertam sobre a importância de identificar onde ocorrem estas interações visando notificar a população que habita nestas áreas, buscando assim reduzir as ocorrências de acidentes e conservar a segurança de animais domésticos, saúde humana e preservação de silvestres.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

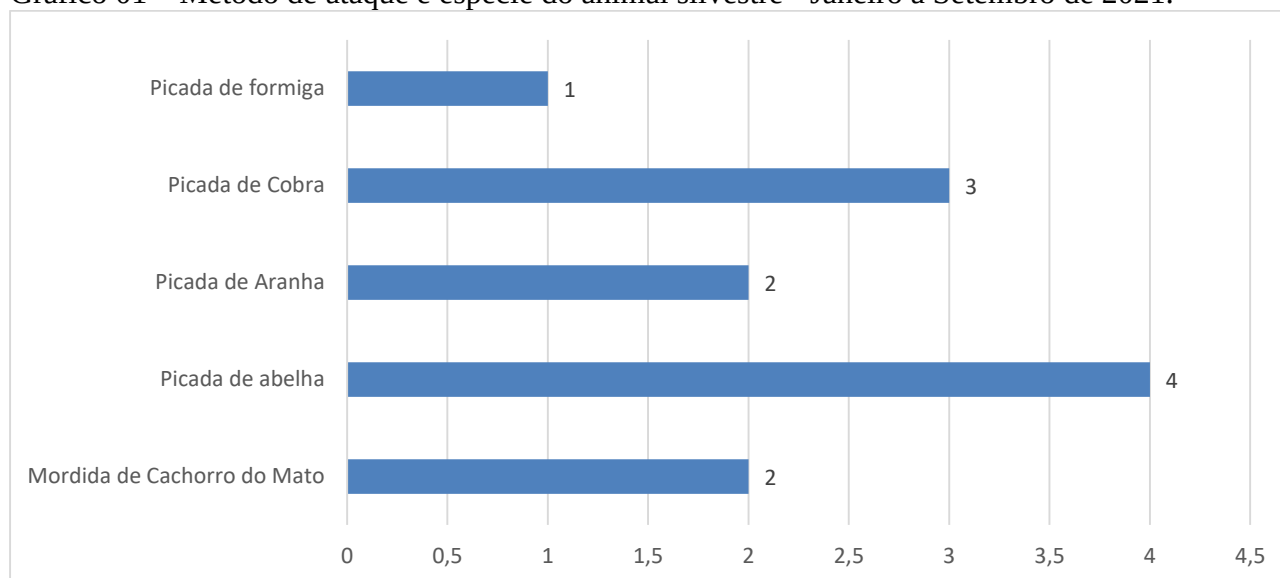
Tratou-se de uma pesquisa de campo de caráter indireto com coleta de dados em prontuários médico-veterinários em um hospital veterinário na cidade de Cascavel/PR.

Para a realização da pesquisa foi necessário como recurso metodológico a formulação de tabelas e gráficos para a análise de dados otimizando as informações recolhidas.

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante o período de realização da pesquisa, que ocorreu de Janeiro a Setembro de 2021, foram atendidos no hospital veterinário 12 animais que apresentaram alguma forma de intercorrência onde o causador era um animal silvestre. Foi possível constatar que há uma casuística significativa de atendimento a cães e gatos atacados por animais silvestres, uma vez que nestes dados, foi identificado quais os principais animais predadores e demais informações, sendo exemplificado no Gráfico 01 a seguir.

Gráfico 01 – Método de ataque e espécie do animal silvestre - Janeiro a Setembro de 2021.



Fonte: Dados da pesquisa.

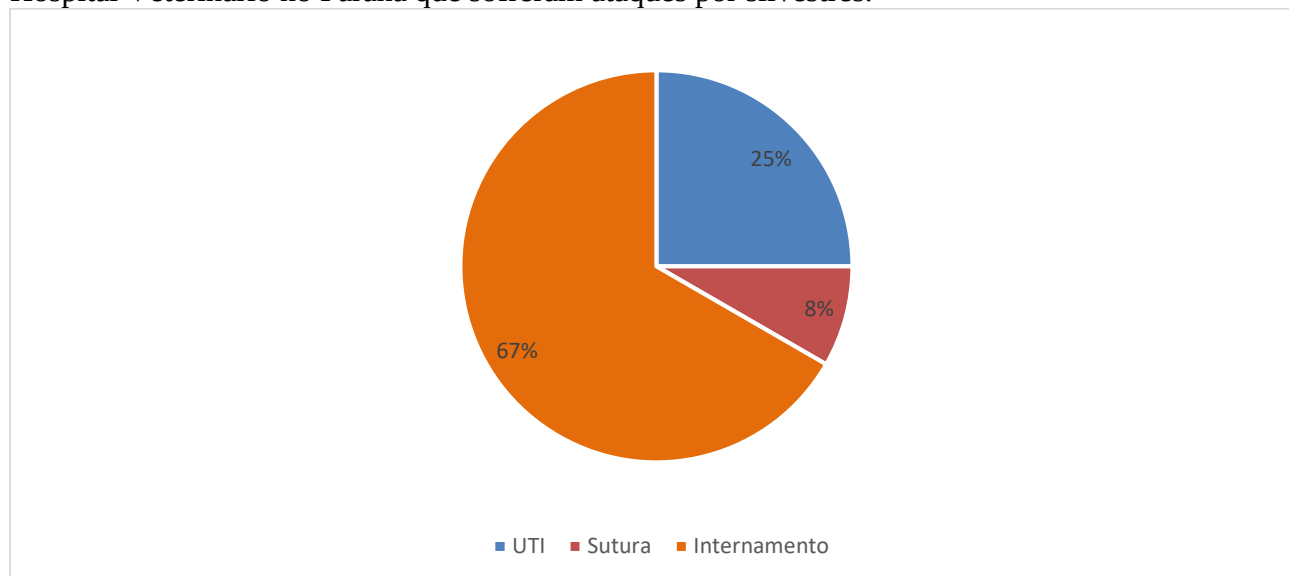
No gráfico 01 é possível visualizar que a maior casuística é através de picada de abelha, em sequência as de cobra e aranha, contribuindo com esses dados Barbosa (2014) afirma que estas são as espécies que mais causam acidentes com animais domésticos.

Deve-se atentar ao local de ocorrência que é subdividido em área rural e área urbana, onde o maior número de acometimentos foi na área urbana totalizando sete, sendo eles, quatro picadas de abelha, duas de cobra, e uma de formiga, caracterizado pela alta demanda através do contato de animais domésticos aos silvestres devido a expansão da fronteira agrícola, esse aumento significativo dos animais domésticos se dá pela aproximação da área urbana devido ao desmatamento onde os silvestres buscam alimento e local para se esconder, trazendo risco a população (MARCHINI; CAVALCANTE; PAULA, 2011).

Com a chegada destes pacientes para atendimento foi constatado que 75% da casuística ocorrem ao final do dia, e 58% no início de mês, sem diferença significativa causada por raça e peso, porém 66% eram machos, filhotes, e 58% castrados.

Após o atendimento emergencial, faz-se necessário a continuação do acompanhamento do paciente, o que é demonstrado no Gráfico 02, em que houve a necessidade de um acompanhamento veterinário para monitoramento de evolução de sinais clínicos através do internamento, alguns pacientes tiveram que passar por uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), local em que tiveram acompanhamento 24 horas de um médico-veterinário beira-leito exclusivo para pacientes em um estado mais crítico que precisam desta supervisão e monitoramento intensivo, principalmente em situações que é necessário atuar mediante a intercorrências de forma imediata, ou ainda, quando era necessário realizar um procedimento cirúrgico antes de recomendar a internação ou UTI.

Gráfico 02 – Tipos de atendimentos dos pacientes atendidos de Janeiro a Setembro de 2021 em um Hospital Veterinário no Paraná que sofreram ataques por silvestres.



Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico demonstra as formas necessárias de atendimento dos pacientes em que os mais críticos precisaram de UTI, pacientes estáveis eram encaminhados para o internamento ou que primeiramente precisaram passar por um procedimento cirúrgico.

Um paciente filhote necessitou de atendimento de sutura devido a um ataque por cachorro do mato que causou consequente dilaceração com quatro cortes extensos na região abdominal esquerda, a rafia foi realizada de forma imediata devido abrangência de tecido comprometido, onde pode ocorrer contaminação bacteriana por contato direto e para acelerar o processo cicatricial reduzindo a ampliação do tecido, o procedimento ocorreu sem intercorrências e a paciente foi encaminhada para o internamento, quando liberada para alta médica após 24 horas, foi solicitado que a paciente fizesse uso de roupa cirúrgica, e como medicação meio comprimido de cefalexina 300mg a cada 12 horas durante 7 dias, carprofeno 25mg a cada 24 horas durante 5 dias, 7 gotas de dipirona a cada 8 horas durante 4 dias e rifamicina spray nos pontos cirúrgicos a cada 12 horas durante 7 dias, retornou após dois dias com presença de miíase na ferida a conduta médica foi a realização de sedação, limpeza da ferida, um comprimido de nitenpiram para eliminar o ectoparasita e continuar o protocolo medicamentoso, em novo retorno a ferida apresentou cicatrização e foi realizada a retirada dos pontos.

O segundo caso ocorrido por mordida de cachorro do mato ocorreu com um felino macho adulto, onde o mesmo apresentou pequenas lesões perfurativas que evoluíram em um quadro de infecção, durante o período de internamento do paciente foi realizada drenagem da secreção purulenta, a pele se apresentava necrosada, foi realizada a cicatrização por segunda intenção, onde a

cada 12 horas era realizada a troca do curativo, controle de inflamação, infecção e dor com tramadol, cefalotina e meloxicam. Os exames solicitados pelo médico veterinário foram o hemograma, bioquímico, radiografia e ultrassom para análise do comprometimento onde foi constatado anemia leve, ureia e aspartato aminotransferase elevada, além de fosfatase alcalina baixa, e após 5 dias de internamento a paciente foi liberada com alta médica, recomendando meloxicam 0,2mg um comprimido e meio a cada 24 horas durante 5 dias, cefalexina 75mg 1 comprimido a cada 12 horas durante 5 dias, dipirona 4 gotas a cada 8 horas durante 4 dias, omeprazol 10mg um quarto do comprimido a cada 24 horas durante 5 dias, colírio tobramicina 1 gota a cada 12 horas durante 5 dias devido lesão ocular e vetagloss pomada no curativo, apresentou cura da afecção.

Os pacientes que necessitaram de unidade de terapia intensiva com acompanhamento do médico veterinário beira-leito sucederam de picada de cobra, foram medicados com soro antiofídico, dexametasona, dipirona, furosemida, fluidoterapia com ringer com lactato. No exame bioquímico apresentaram enzimas hepáticas elevadas devido a hepatotoxicidade do veneno, apresentaram um estado crítico com risco iminente de vida, nestes casos, dois pacientes foram a óbito devido demora do deslocamento dos pacientes para o atendimento veterinário, após 24 horas de acompanhamento onde o paciente se encontrava estável foi retirado pelos tutores sem alta médica, sem mais notícias sobre o mesmo.

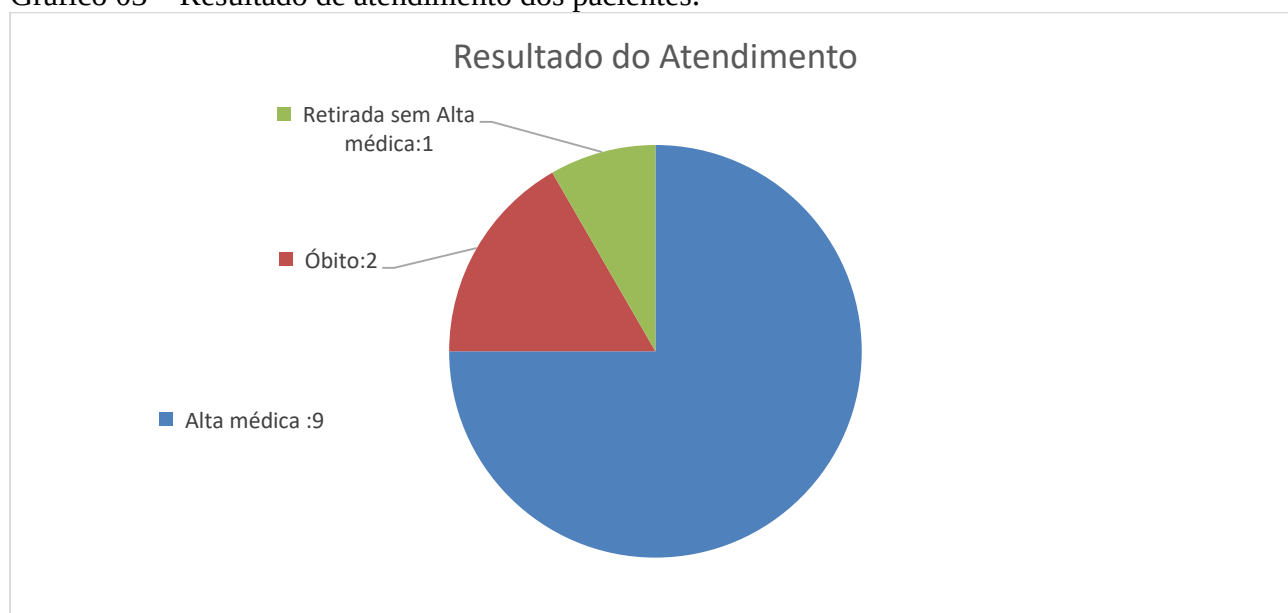
Demais atendidos que precisaram de internamento, houveram casos com picada de aranha, onde um paciente apresentou edema de face acentuado com presença de sangue e taquicardia, recebeu cefalexina, dipirona, omeprazol e dexametasona onde não obteve sucesso em 24 horas realizou-se substituição por metilprednisolona, foi necessário uma transfusão sanguínea pois em seu exame de sangue foi constatado uma anemia grave arregenerativa, leucocitose, trombocitopenia e creatinina levemente baixa, após 24 horas da transfusão apresentou melhora de quadro clínico e constatado melhora em exames hematológicos, com 72 horas de internamento a paciente recebeu alta com metilprednisolona 10mg a cada 24 horas durante 10 dias, cefalexina 300mg meio comprimido a cada 12 horas durante 7 dias, Hemolitan Gold 0,7ml a cada 24 horas durante 15 dias, omeprazol 10mg meio comprimido a cada 24 horas durante 10 dias, quando a paciente retornou, apresentou cura clínica. Nem sempre quando os cães são atacados pelo mesmo agente apresentarão os mesmos sinais clínicos, sendo o caso do outro paciente atendido por picada de aranha que apresentava quadros convulsivos, hipersensibilidade luminosa e auditiva e quadros de êmese, nos exames hematológicos apresentava leucocitose por neutrofilia, linfopenia, eosinopenia, basofilia e aspartato aminotransferase elevada, foi medicado com suplementação vitamínica de b12, bionew e ornitol, diazepam, cloridrato de maropitan e dexametasona, com melhora clínica após 24 horas de internamento foi liberado com omeprazol 20mg um comprimido e meio a cada 24 horas durante 10

dias, prednisolona 5mg a cada 24 horas durante 3 dias e após meio comprimido a cada 24 horas por mais 3 dias, no retorno o paciente apresentou melhora clínica.

O paciente que levou uma picada de formiga apresentou um quadro alérgico mais avançado, como sinais clínicos apresentava dispneia e cianose, o paciente foi encaminhado diretamente para a oxigenação onde apresentou melhora, em seguida, foi realizado fluidoterapia de ringer com lactato e dexametasona para reduzir sinais inflamatórios. Após apresentar melhora, recebeu alta médica sem medicações para casa já que não houve intoxicação e foi um quadro único de alergia, recomendado o acompanhamento dos tutores monitorando condições fisiológicas do cão.

Os 4 casos de picada de abelha apresentaram principalmente edema local, rubor, taquicardia, taquipneia, hipertermia, e 2 quadros mais avançados apresentaram também cianose e dispneia. Foi indicado a realização de hemograma e bioquímico para análise de comprometimento dos órgãos através da toxicidade da toxina liberada pela abelha, onde geralmente apresentavam linfocitose, reticulocitose, e enzimas renais elevadas que indica a dificuldade do rim em filtrar as toxinas presentes no sangue, estes pacientes ficaram internados e receberam fluidoterapia com ringer com lactato, dexametasona, furosemida, omeprazol e sulfadiazina. Todos apresentaram melhora de quadro clínico e receberam alta médica com o mesmo protocolo medicamentoso para casa.

Gráfico 03 – Resultado de atendimento dos pacientes.



Fonte: Dados da Pesquisa.

De acordo com o número de pacientes atendidos, é possível visualizar que há eficácia no tratamento sendo 70% casos de sucesso, onde estes recebem alta médica pois apresentam estabilidade de quadro clínico, melhora dos sinais clínicos e estão realizando as atividades fisiológicas normalmente, então, retornam para casa com medicação para finalização de tratamento

medicamentoso e devem retornar ao hospital para uma reconsulta com o médico veterinário onde é confirmado a cura da intercorrência acometida. Há casos em que o paciente ainda não estabilizado é retirado sem a alta médica por tutores, estes, não apresentam bons resultados devido a interrupção do protocolo medicamentoso e de resgate das condições fisiológicas normais. Ainda há pacientes que vão a óbito, sendo ele causado na maioria das vezes por demora no tempo de chegada dos pacientes para o atendimento, onde o protocolo medicamentoso não consegue mais reverter o quadro clínico do paciente, sendo estes, a maior ocorrência de óbito que está representada neste trabalho como causa dos dois óbitos.

A alta destes pacientes geralmente ocorre em um curto período de tempo, devido a rápida ação dos tutores em encaminharem o animal para atendimento, e o início imediato de um protocolo medicamentoso adequado, com isso, alcançamos 81% dos atendimentos com altas, concentradas após um dia de internamento, casos mais graves podem levar ao internamento do paciente de três a cinco dias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar a presença constante de animais silvestres nas áreas urbanas e também rurais, que acabam em contato direto com animais de companhia resultando em ataques. O estudo mostra que os médicos veterinários que prestaram atendimento a esses pacientes, em estado crítico, estavam aptos a fazê-los.

Foram encontrados através dos dados que os animais silvestres que mais acometem pacientes com ordem de frequência, as abelhas, cobras, aranhas, cachorro do mato e formigas, onde o número de altas é alto quando a equipe médica está preparada para intervir com as medicações corretas para impedir evolução dos sinais clínicos e o atendimento é realizado de forma imediata. Grande parte dos acometimentos ocorre na cidade, contrário do que esperado devido a área rural ficar mais próximo de matas.

Conclui-se então que é necessário a intervenção de um médico veterinário para acompanhamento da evolução do quadro clínico do paciente de forma imediata para controlar os sinais clínicos através de medicações ou procedimentos cirúrgicos, com isso 75% dos pacientes recebem alta com cura da intervenção ocorrida, 8% é retirado sem alta médica e apenas 16% vão a óbito, sendo registrado como casos mais críticos ou demora no tratamento desde o tempo do acometimento até o tempo de intervenção médica. Ressalta-se ainda a dificuldade de encontrar materiais bibliográficos para comparar dados, por isso, evidencia-se a necessidade de maiores pesquisas de acordo com o tratamento necessário para estes animais.

REFERÊNCIAS

- CBP - Corpo de Bombeiros do Paraná. **Animais Peçonhentos**. 2021. Disponível em: <https://www.bombeiros.pr.gov.br/Pagina/Animais-peconhentos>. Acesso em: 28/06/2021.
- FAG. Manual de Normas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos 2015. Cascavel: FAG, 2015.
- BARBOSA, M.M. *et al.* Ensino de ecologia e animais sinantrópicos: relacionando conteúdos conceituais e atitudinais. **Ciência & Educação**, v. 20, n. 2, p. 315–330, 2014.
- HACKETT, T.B *et al.* Clinical findings associates with praire ratlesnake bites ia dogs: 100 cases (1989-1998). **J am vet med assoc**, v.200, n.11, p.1675-1680, 2002.
- INSTITUTO PET BRASIL. Censo pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. **Instituto Pet Brasil**, 2019. Disponível em: <<http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/>> Acesso em: 07/04/2021.
- LEITE, C. D. S.; Relato de Caso – Reação tóxica sistêmica em um cão após acidente por múltiplas abelhas. **Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Recife, 2019. Disponível em: <<https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/1677>> Acesso em: 04/10/2021
- LOPES, B. F. R. R.; QUESSADA, M. A.; BORGES, B. T. Intoxicação por toxina de sapo em um cão – relato de caso. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**. Goiânia, 2014; v. 10, n. 19 p. 1234. Disponível em: <www.conhecer.org.br/enciclop/2014b/AGRARIAS/Intoxicacao.pdf> Acesso em: 05/10/2021
- MARCHINI, S.; CAVALCANTI, C. M. S.; PAULA, C. R. Predadores silvestres e animais domésticos: guia pratico de convivência. **Centro nacional de pesquisa e conservação de mamíferos carnívoros**. Atibaia – são Paulo, 2011. Disponivel em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/zootecnia_geral/livros/predadores%20SILVESTRES%20E%20ANIMAIS%20DOMESTICOS%20GUIA%20PRATICO%20DE%20CONVIVENCIA.pdf> Acesso em:07/05/2021.
- PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E. Ameaças à diversidade biológica. *In*: PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E.. **Biologia da Conservação**. Londrina: Ed. Rodrigues, 2001. cap 2, p. 69-134.
- ZINSSTAG, J. *et al.* From "one medicine" to "one health" and systemic approaches to health and well-being. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 101, n. 3–4, p. 148–156, 2011